

EM LIBERDADE: ALTER BIOGRAFIA DE UM EU-ESCRITOR EMBARGADO

Juliana Garcia Santos da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho pretende explorar o texto *Em Liberdade* (1981), de Silviano Santiago, a fim de refletir sobre como e em que circunstâncias o mesmo viabiliza uma discussão em torno do empobrecimento do debate intelectual no Brasil ante o autoritarismo que interdita vozes e ações. Para tal, faz-se necessário considerarmos não só a natureza Prosa-limite da obra, – classificação sugerida pelo próprio autor – mas, e principalmente, os contextos históricos suscitados e/ou referenciados: a ditadura varguista e a ditadura militar instaurada com o golpe de 1964.

PALAVRAS-CHAVE: debate intelectual; autoritarismo; vozes e ações interdidadas.

RESUMEN: El presente trabajo pretende poner en jaque el texto *Em Liberdade* (1981), de Silviano Santiago, a fin de reflejar sobre cómo y en que circunstancias el mismo viabiliza una discusión en torno del empobrecimiento del debate intelectual en Brasil ante el autoritarismo que interdita voces y acciones. Para tal, se hace necesario consideremos no sólo la naturaleza Prosa-límite de la obra, – clasificación sugerida por el propio autor – pero, y principalmente, los contextos históricos suscitados y/o aludidos: la dictadura varguista y la dictadura militar instaurada con el golpe de 1964.

PALAVRAS CLAVE: debate intelectual, autoritarismo, voces y acciones vedadas.

[...]
Como beber
Dessa bebida amarga
Tragar a dor
Engolir a labuta
Mesmo calada a boca
Resta o peito
[...]
Essa palavra
Presa na garganta
Esse pileque
Homérico no mundo
De que adianta
Ter boa vontade
Mesmo calado o peito
Resta a cuca
Dos bêbados
Do centro da cidade...
[...]

(Cálice, Chico Buarque)

Introdução

Sob a forma de diário, a ficção denominada *Em Liberdade* traz registros supostamente feitos por Graciliano Ramos na circunstância de sua saída da prisão, a partir dos quais são apresentadas suas impressões e seus questionamentos acerca das relações de poder em meio a

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. E-mail para contato: juligarciass@hotmail.com.

uma sociedade alienada pela ditadura. No decorrer da trama, ou melhor, antes mesmo desta começar, notamos o jogo ficção-realidade sustentado por Silviano Santiago na medida em que este se apropria de experiências do autor de *Memórias do Cárcere* para elaborar sua versão deste escritor, então embargado pela força da ocasião, e problematizar as relações entre o intelectual e o poder, chegando, inclusive, a retomar e a relativizar as causas da morte do poeta Inconfidente Cláudio Manuel da Costa e, subliminarmente, o caso Vladimir Herzog. Por assim dizer, o autor de *Em Liberdade* propicia de maneira oportuna uma avaliação de regimes autoritários como aquele que o próprio experimenta:

O recuo estratégico de *Em Liberdade* ao passado funciona como um recurso eficaz e inventivo do qual o autor lança mão para ampliar a repercussão do seu testemunho da história recente do Brasil, indo além do registro imediato dos fatos concretos, mediante sua contextualização num decurso temporal mais abrangente e num espaço de configuração literária mais amplo e complexo. (MIRANDA, 1992, p. 18)

Considerando que vivemos em uma sociedade do espetáculo midiático onde as verdades são colocadas de maneira obscena e coercitiva, fazendo-nos simples usuários da tecnologia, vale lermos a ficção *Em liberdade* na medida em que nos oferece perspectivas de aleijamento do indivíduo pelas ações do poder e, portanto, uma amostra de contextos viáveis à alienação, conforme veremos a seguir. Assim, teremos a oportunidade de meditarmos sobre o lugar do intelectual e os motivos que podem levar ao empobrecimento do debate intelectual.

A fim de cumprir com o proposto, serão consideradas as contribuições de Lucia Helena a respeito da transformação do papel do intelectual, de Hans Robert Jauss com relação à qualidade das obras produzidas e do que é veiculado, de Wander Melo Miranda por sua nota em relação ao recuo intencional da narrativa de Silviano ao passado, de Roberto Schwarz por seu parecer sobre o cenário da década de 60, de Flora Sussekind por suas observações acerca dos elementos aproveitados da rotina de Graciliano, e de Antonio Candido visando ao arremate das noções em torno do caráter social da função do escritor.

A reclusão intelectual como contraponto da liberdade

Recém-saído da cadeia, o narrador-personagem Graciliano Ramos revela não sentir ou perceber sua existência senão por meio das palavras articuladas que vão extravasar suas sensações, emoções e pensamentos, provenientes da experiência dolorosa da prisão: “Não sinto meu corpo. Não quero senti-lo por enquanto. Só permito a mim existir, hoje, enquanto

consistência de palavras. Estas combinam-se em certas frases que expressam pensamentos meus oriundos da memória afetiva e criados pelo acaso. [...]” (SANTIAGO, 1981, p. 27) Nesta fala, existência e escrita estão correlacionadas, as palavras dão forma ao “eu”, e a memória, seja ela a do corpo, ou a da alma, o perturba. Além disso, ao mencionar que as palavras se combinam em certas frases, o narrador evidencia uma autonomia por parte das palavras que parecem brotar, camuflando “um corpo dolorido que não quer pensar nas dores sofridas que castigam os sentidos e a memória.” (SANTIAGO, 1981, p. 28-29) Com efeito, mais adiante em sua narrativa, e em resposta à síndrome de prisão, o eu-escritor-narrador corporifica as cadeias do pensamento através da repetição obsessiva da palavra “Adversidade”, repetida onze vezes só nas páginas 31 e 32, nos fazendo lembrar a pedra no meio do caminho, de Drummond. O sentimento de prisão, oriundo do contato obscuro com o poder, se configura, então, como um empecilho ou obstáculo a ser transposto.

Conforme o “eu” que percorre a narrativa experimenta o retorno àquela sociedade e a percebe ignorante mediante a repressão, este se revela inconformado. E mais, apesar das circunstâncias que o anulam, o Graciliano Ramos de Silviano Santiago demonstra rejeitar a posição de vítima, ao passo que contesta ser resultado da repressão, realçando o fato de ter sido alvo da violência do Estado, por simplesmente exercer seu papel como intelectual e político:

Não posso aceitar-me como produto das circunstâncias; estaria com isso negando o valor mais alto da minha liberdade (Não essa liberdade, circunstancial, de quem sai da cadeia, mas a outra, mais geral) para poder organizar a minha vida e a dos meus semelhantes. O que estou chamando de adversidade nada mais é que uma resposta do governo e das instituições repressores (os poderosos, como dizem no jargão político) ao pleno exercício das minhas possibilidades intelectuais e políticas da minha região. A minha atuação desagrada. [...] Não vou mentir a mim dizendo que não faço inimigos por certas atitudes que tomo para desemperrar a máquina burocrática do ensino em Alagoas, ou por certas decisões que tomo e que necessariamente desagradam o sistema do favoritismo político estadual. Dão-me o troco. Tenho respostas.

Respostas bem pouco civilizadas. Elas utilizam a linguagem mais convincente por aquelas bandas e talvez por todo o Brasil: a da violência do Estado. (SANTIAGO, 1981, p. 33)

Isso posto, a imagem da atuação de um governo autoritário e arbitrário se levanta, justificando o embargo e o sentimento de sem-lugar experimentado pelo eu-escritor que busca reerguer-se. O mesmo retrato é sublinhado por Roberto Schwarz em *Cultura e política* a propósito da ditadura militar instaurada na década de 60, quando este menciona que o

governo, na ocasião, tenta liquidar a cultura viva do momento, transformando intelectuais em sujeitos indesejáveis, ou melhor, marginais, impedidos de exercerem sua cidadania, sua liberdade. Schwarz acrescenta ainda que: “Nestas circunstâncias, uma fração da intelectualidade contrária à ditadura, ao imperialismo e ao capital vai se dedicar à revolução, e a parte restante, sem mudar de opinião, fecha a boca, trabalha, luta em esfera restrita e espera por tempos melhores.” (SCHWARZ, 2005, p. 55-56). Também o narrador-personagem de *Em Liberdade* destaca, decepcionado e frustrado, a alternativa restante colocada, na época, ao intelectual brasileiro que pretendia permanecer em seu país: o funcionalismo público domesticado, ou melhor, intelectuais fora do lugar:

A saída para o intelectual no Brasil é o de ser funcionário público, vivendo a realidade em duas metades, só podendo enxergar a verdade se fechar um olho. Essa condição é das mais castradoras e trágicas, porque o leva a ser mais e mais conivente com os poderosos do dia. Se os homens do legislativo e do judiciário já são domésticos do Catete, o que não acontecerá com os nossos pensadores presos à máquina aliciadora do Ministério da Educação e Saúde?

Escreverão livros nas horas de folga. Nunca serão profissionais da escrita. (SANTIAGO, 1981, p. 36 - 37)

A postura dócil do intelectual, erguida pelo fragmento, serve-nos para (re)avaliarmos o lugar e o papel desse sujeito em meio à sociedade, e como substrato para a reflexão não só em torno da (in)viabilidade de se fomentar o debate intelectual na ocasião da ditadura varguista, ou da ditadura liderada pelos militares, como também na ocasião de nossa alienação voluntária mediante ao sistema globalizante e às imposições de uma sociedade de mercado. A propósito comenta a estudiosa Lucia Helena em “O intelectual e as cadeias de papel” texto de *Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea*, que hoje assistimos à transformação do papel do intelectual em ações de Marketing, com direito à manipulação das imagens e ao incentivo a torná-lo celebridade. Perante as condições do mercado, o intelectual é induzido a submeter seu criar a padrões de gosto a fim de atender a demanda, violando sua natureza inquieta e inventiva, situação, essa, apontada e/ou denunciada por *Em Liberdade*:

Todos podiam queixar-se, menos você. Para a sua literatura, está sendo ótimo. Há seis meses atrás, você era – desculpe a franqueza – um ilustre desconhecido no Rio. [...] Como romancista, você era um competente prefeito do interior do Alagoas. Agora, você é autônomo. Você é escritor. É nome na capa de livro: Graciliano Ramos. Perguntam pelos seus títulos, catam seus romances nas livrarias. Logo-logo esgotam-se as primeiras edições. Que melhor prova de estima intelectual que a homenagem espontânea que lhe prestaram ontem e hoje? Quantos dos presentes não dariam tudo para receber igual manifestação? (SANTIAGO, 1981, p. 68)

Nesta passagem observamos o protagonista sendo aconselhado pelo amigo Zé Lins após ter manifestado sua insatisfação frente à condição de celebridade imposta a ele por sua experiência na prisão, já anunciada um pouco antes: “Cansei de ser fera de jardim zoológico” (SANTIAGO, 1981, p. 66). A fala do amigo repercute a supervalorização da vida pública e da fama, e ao sugerir que a experiência de reclusão vivida pelo personagem Graciliano Ramos veio de maneira oportuna, Zé Lins acaba por anular o caráter arbitrário da voz de prisão concedida na contramão da liberdade de expressão. Com tais colocações, o amigo também desconsidera ou diminui o fato das pessoas visitarem Graciliano com a finalidade maior de ouvirem sobre seu sofrimento e suas possíveis avarias, pois muitos sequer conheciam suas obras:

O motivo que levava a maioria das pessoas a visitar-me não era tanto o melhor conhecimento do homem que havia escrito alguns livros que admiravam, homem este que, agora, passava por maus momentos. Diversos visitantes não conheciam a minha minguada produção literária; não demonstravam maior interesse em conhecê-la. Queriam as chagas. Deixe-me vê-las! Apoiavam-se em um lugar comum – dos piores – para o artista na nossa sociedade: eu sofria, por isso devia ser bom. Só o homem marcado estava destinado aos mais belos e sublimes cantos, como diria um poeta romântico. (SANTIAGO, 1981, p. 61)

Mais adiante em seu relato, o personagem Graciliano, sob a forma de um desabafo, constata que a sociedade ocidental visa a anular a paixão dedicada a todo o fazer, ou seja, às ações empenhadas, reduzindo os seres humanos às rotinas, enfim, à inércia de suas habilidades e competências. Como resultado, os sujeitos acabam limitados e vagando pelas cidades como autômatos, a perderem de vista o que dê sentido à sua existência:

Nossa sociedade (nossa sociedade, não só a brasileira, mas ocidental) quer retirar de todo o fazer a paixão, como se houvesse nela uma intensidade de energia perigosa para o equilíbrio do homem na superfície do planeta terra. Tornam os nossos atos frios a fim de reduzi-los à rotina. A rotina amolece o desejo e o corpo. Torna o homem presa fácil das suas próprias limitações e da repetição dos seus atos. (SANTIAGO, 1981, p. 73)

O embargo sofrido e sentido pelo personagem Graciliano o faz calar-se – embora tenha tantas coisas a dizer – e, outra vez, encontrar obstáculos para a atividade da escrita: “Quantas noites fiquei preso no papel!” (SANTIAGO, 1981, p.75). No entanto, insiste em escrever, pois concebe a escrita como fonte de prazer e como aquela que dá forma a seu pensar e sentir, convertendo o silêncio em participação. A dificuldade apresentada pelo personagem traz à tona uma discussão bastante pertinente e atual sobre o processo de produção intelectual, já que hoje:

À medida que a grande narrativa da globalização capitalista e a força destrutiva que existe em seu bojo se espalham pelo planeta, os intelectuais, na condição daqueles que pensam contra a corrente e agem inoportunamente, parecem ter dificuldade de pensar os fundamentos de sua própria civilização, mostrando-se incapazes de realizar de forma eficaz o empreendimento crítico que lhes cabe.

Em grande parte, o silêncio tem acompanhado os intelectuais contemporâneos, alguns dos quais visivelmente aturdidos.
(HELENA, 2010, p. 81)

Logo, a iniciativa de expressar-se advém da ânsia de libertar-se das amarras do pensamento não só impostas pela experiência ante o poder, mas também, pela vida em uma sociedade de mentalidade espoliada, dependente de todas as formas de paternalismo. E porque não pretende satisfazer a esse público, Graciliano² trabalha com e/ou para a decepção do leitor, como resistência àqueles que nutrem um gosto pelo espetáculo da tragédia alheia (em trinta, em sessenta, em oitenta, em dois mil):

Todos exigem – e nisso há unanimidade – que eu escreva as minhas memórias do cárcere. Ninguém me pede anotações que estou fazendo dos meus tateios em liberdade.

Será que todo leitor é intrinsecamente mau? Será que só se interessa pelo lado sombrio da vida?

[...]

Grandíssimo filho da puta. Não cairei na sua armadilha. Não vou dar-lhe o livro que exige de mim. Dou-lhe em troca o que você não quer.
(SANTIAGO, 1981, p. 128)

Segundo Flora Sussekind em *Literatura e Vida Literária: polêmicas, diários e retratos* Silviano Santiago se recusa a narrar esperadas cenas de violência física, rompendo com as expectativas. O que faz, segundo ela, é esboçar detalhes que dizem respeito ao dia-a-dia de um intelectual, recém-posto em liberdade, num país mantido sob o domínio autoritário. Enfim, nada de muito heroico ou dramático. Todavia, engenhosamente, Silviano mescla a rotina de seu Graciliano Ramos com apontamentos e considerações a respeito de uma sociedade civil omissa que se abstém de discutir sobre o espaço e o papel do intelectual:

Posso concordar do ponto de vista tático-político, com essa opinião. Desagrada-me nela o papel secundário que dão ao debate das ideias e à função do intelectual dentro da sociedade (seja ela a do seu país, seja qualquer outra). Sei do perigo que se corre quando se entra na luta de peito aberto; sei do inimigo que sorri satisfeito ao vislumbrar o calcanhar de aquiles; sei da utilização maquiavélica que se pode fazer da autocrítica honesta; sei dos labirintos da honestidade numa política suja como a nossa. Mas não aceito o silêncio total. (SANTIAGO, 1981, p. 159)

² Denominação atribuída por Nelson Motta ao personagem Graciliano Ramos de Silviano Santiago.

Ao enfatizar um sentimento de repúdio em relação ao “silêncio total”, a personagem põe em evidência a crítica à rendição ao poder, tanto direcionada ao período da ditadura varguista, experimentada por Graciliano, quanto ao momento indigesto que foi a ditadura militar, vivida por Silviano. Levando em conta que autor e personagem assumem voz igual, constatamos que ambos deixam seu recado no que diz respeito à censura e à inaceitável postura de submissão ao silêncio imposto. Afinal, expressar-se é imprescindível a qualquer cidadão, mais ainda, a qualquer escritor.

As críticas não param por aí, se estendem aos veículos de comunicação que, além de se esvaziarem de notícias e reflexões sérias, priorizando escândalos e intrigas, ou assuntos repetidos e monótonos, são responsáveis, até os dias de hoje, por limitar o trabalho dos escritores, na medida em que exige uma arte “culinária” ou “ligeira”:

Os meios de comunicação modernos (imprensa escrita e falada) exigem do intelectual competente, quando deles se aproxima, que se despoje da sua personalidade e meta o casaco do dono da empresa, entrando para uma rodaviva diária onde o essencial é a boa execução da tarefa.

São intelectuais que perderam a complexa noção de estilo pessoal. [...] Vejo que não dominam o estilo literário: dominam os recursos da “cozinha” do jornal. (SANTIAGO, 1981, p. 179)

Segundo Hans Robert Jauss, à proporção que é reduzida a distância entre o horizonte de expectativas e a obra, esta se aproxima da esfera da arte “culinária” ou ligeira, caracterizando-se, de acordo com a estética da recepção, como aquela que não exige mudança de horizonte, mas simplesmente atende às expectativas que delineiam uma tendência dominante do gosto; do belo usual. O teórico afirma, ainda, que o horizonte de expectativa de uma obra torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. E já que, tal como relatado no excerto da ficção *Em liberdade*, a prioridade era atender ao gosto popular, as obras deveriam ser esvaziadas de personalidade e facilmente assimiladas. Em outras palavras, o que se discute é que ao oferecer a suposta obviedade indiscutível, as obras ou os textos, perigosamente, apresentam aos leitores versões do real que tendem a ser aceitas de forma passiva por sua natureza convincente e palatável. Com isso, põe-se em xeque o valor ou a qualidade do que é produzido nas condições acima, em que os jornais, o rádio e a TV, por exemplo, priorizam contribuir para o simples entretenimento e para a alienação da sociedade.

Por fim, vale realçar uma das estratégias finais de Silviano Santiago para dar substância à reflexão em torno dos meios encontrados pelo poder para embargar ou, ainda,

anular o intelectual, trazendo para *Em Liberdade*, a memória do inconfidente Cláudio Manuel da Costa, poeta que, no contexto, inspirou e dialogou em essência com o personagem Graciliano Ramos: “A ansiedade de Cláudio, esperando o momento propício para articular os poderosos de Vila Rica, num último sopro de rebelião, será minha.” (SANTIAGO, 1981, p. 233)

Encontrado morto na prisão, Cláudio Manuel da Costa, enquanto alvo da *devassa*³, havia sentido na pele a força do sistema que ambiciona aniquilar o “eu” e forjar o seu ser e estar no mundo. Como primeira versão de sua morte, temos o suicídio, porém tempos mais tarde conclui-se que o poeta em questão foi assassinado. Sua história, permeada pelo tormento da perseguição e pela imposição do silêncio, é, pois, lembrada, e os sentimentos do poeta servem, inclusive, como referência para os do personagem Graciliano Ramos:

O desespero dele, ao saber que todos os seus planos vão por água abaixo, porque não existe pujança para concretizá-los, é meu. Mas eu sem o prazer de uma esperança, passo o ano, e o mês, o dia, a hora.

O seu desconsolo mortal, ao ver as mãos fortes de Pamplona procurarem o seu pescoço, é meu.

É meu o salto de fera bravia que dá para evitá-las. Em vão. Cláudio será Graciliano. Graciliano redige, mas quem escreve é Cláudio. Sinto a energia e a intensidade que existem reprimidas na frase de Cláudio. Abro as comportas. Deixo com que elas se espichem, se robusteçam, exercitando-se por algumas páginas mais.

Volto à superfície. (SANTIAGO, 1981, p. 234)

O eu-escritor de Silviano Santiago incorpora a angústia e a suposta luta de Cláudio Manuel da Costa perante a morte. Metaforicamente o narrador-personagem de *Em liberdade* sugere tomar para si aquela hipotética energia do poeta mineiro rebelde a fim de não se tornar vítima, mas um sujeito agente de sua própria história. Com a retomada desse intrigante evento de opressão, Silviano Santiago convoca-nos, também, a questionar os rumos de outro caso, agora ocorrido nos porões da ditadura militar: a morte do jornalista Vladimir Herzog, torturado, morto e dado como suicida. Sobre Herzog pesava a acusação de ser membro do partido comunista, e sua morte corporificou a arbitrariedade e a iniquidade dos que estavam no poder, bem como a iniciativa de silenciar aqueles que se opunham ao esquema ditatorial. Apesar de vivenciar os anos mais duros da ditadura, o jornalista planejava e coordenava importantes trabalhos sobre a realidade brasileira da época e a difusão de informações, numa redação que ia ao limite do que se podia publicar. Num desses trabalhos, dedicou-se ao

³ Processo imposto pelo poder com o pretexto de apurar e punir os responsáveis pela Inconfidência Mineira.

levantamento da produção brasileira no campo da criação artística, constatando a existência de um grande esvaziamento cultural. Além disso, conforme salienta Marta Regina Maia e Thales Vilela Lelo em *A morte de Vladimir Herzog: narrativas do trauma na memória coletiva*, quando Herzog assumiu a direção de jornalismo da TV Cultura de São Paulo, expôs sua preocupação com um telejornal que estimulasse a reflexão e que difundisse os problemas, as esperanças e as angústias da população.

Assim, a partir de Cláudio Manuel da Costa, do próprio Graciliano Ramos e de Vladimir Herzog, intelectuais que sobressaíram em nossa história por demonstrarem-se firmes ante suas ideias e ideais, *Em liberdade* percorre três momentos (crise do sistema colonial, Era varguista e ditadura militar) em que o Brasil experimentou o estrangulamento do agir e do pensar pela forma de governo autoritária, aguçando e provocando a memória coletiva.

Ao final da narrativa, Graciliano conclui seu desabafo e, passada a asfixia do momento devido à tensão que emana do contexto relatado (o dele e o de Cláudio), desincorpora o espírito do Inconfidente, retomando a sua vida: “Fui buscar Heloísa hoje no cais. Veio com as nossas duas filhas menores. Não sei como vamos todos caber no exíguo quarto da pensão.” (SANTIAGO, 1981, p. 235) tentando, em vão, adaptar-se à rotina.

Considerações finais

Como é possível constatar, *Em Liberdade* proporciona ao seu leitor uma versão nada ingênua das experiências de Graciliano Ramos, na ocasião de sua saída da prisão, lançando mão do jogo ficção-realidade e da crítica para o tecer dos fatos que, inclusive, e sugestivamente, podem ser relacionados ao contexto do próprio autor da obra em relevo. Por meio desse peculiar método narrativo, Silvano Santiago propõe revermos dois inquietantes momentos da história de nosso país que contribuíram para o silêncio de nossos intelectuais e para a alienação do povo: a ditadura promovida pela era Vargas, da década de trinta, e a ditadura militar instaurada com o golpe de 1964 por Castelo Branco.

Contudo, a ficção supracitada não se fecha nos dois contextos referenciados, ao passo que a mesma subsidia nossa reflexão em relação à função do escritor e intelectual contemporâneo como sujeito da/à sociedade moderna e capitalista, que também tende a silenciá-lo, bem como, nos instiga a questionar o papel de menor importância atribuído ao debate das ideias: “Ontem e hoje [...] um intelectual é alguém que, ao fazer uso do juízo livre,

distanciado e desinteressado deve ser capaz de integrar (ou de ao menos tentá-lo) a experiência da violência social em seu pensamento e em seus pronunciamentos [...]” (HELENA, 2010, p. 81)

Portanto, ler *Em Liberdade* é também nutrir uma discussão em prol do que de fato colabora para o empobrecimento do debate intelectual e para o deslocar de escritores e leitores, que hoje, senão devorados pelo mercado, voluntariamente ou involuntariamente, permanecem à deriva. Assim, os episódios em que o trabalho intelectual é atacado e banalizado pelo poder servem-nos como pressupostos à compreensão do que possivelmente dá margem à vulgarização da literatura e de seu papel no decorrer do tempo. Além disso, ao exercermos conscientemente nossa função de leitor, somos intimados pela narrativa a observar tamanha importância do escritor numa determinada sociedade, haja vista que, conforme sublinha Antonio Candido em *Literatura e Sociedade*, este não é apenas um *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade, mas alguém desempenhando um *papel social*.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- HELENA, Lucia. *Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- MAIA, Marta Regina; LELO, Thales Vilela Lelo. A morte de Vladimir Herzog: narrativas do trauma na memória coletiva. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis-SC, Vol. 11, nº 1, 2014, p. 21-33.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- SUSSEKIND, Flora. *Literatura e Vida Literária*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

**Artigo recebido em março de 2015.
Artigo aceito em maio de 2015.**